

De PABLO SIMPSON

HERANÇA

O mar leste descende desta voz.

Lançamos âncoras para reparar nossos remos partidos.

Haverá segurança nos braços suspensos como facas,
cortando o mar horizontal que se abre
como clareira ao homem pressentido?

Mancham o cintilar das águas com suas dobras.

Mas não posso reter senão o espectro
solar fundo em teus olhos, o silêncio
contrariando o múltiplo, o indevassado.

Há um homem construído em teus desígnios.

De que tempo virá este outro homem?
Estas pedras que afundam no longínquo?

CONSTELAÇÕES

Não caberão a outro as manchas negras
espargidas na fome de teus seios.

Cartografia dos homens.

Ao vê-la dobrar-se agora, uma flecha
delimita os desvãos com que me estendo.

E te empunho, e retiro a estrela em que te perdes.

MEMÓRIA

Não se turvam em mim centelhas de outra morte. Seguras, elas vêm deste súbito.

Braços erguidos suportando as cortinas do homem. Virei anular-me nesta memória que me suspende a mim? Que me inclina além e senão em meu corpo? Garantias.

Há ladeiras partidas nestas folhas que caem. Fui este rosto, esta treva.

Afianço-me que sou feito também deste retorno.

VELEIROS

Os veleiros distendem-se na manhã fria,
apanhados pelo sopro que inflam as borrascas do sono.
Eram teus pés dividindo as imagens da água,
como pássaros breves mergulhando
à procura desses riscos imensos coagidos na morte.

Gesto de erguê-los, em seu brilho súbito,
em suas nuvens de memória, cheias de vento,
ocultando-os. E as distâncias soerguidas para o outro,
em seus números fugitivos, em suas turbas
interiores, para afiançar-nos do encontro.

Vimos neles, sombreando os anjos rubros
que guardamos em nós, eles que estendem
as fronteiras que há pouco se vislumbram.
Não porque coubeste em mim, acolhida em meus passos.

Mas pela herança divisada em nós, nesse ombrear
que nos permite o encontro de um sol puro.